

Cartas revelam gênese de Brasília

Leandro Fortes
Da equipe do Correio

Há exatos 11 anos, Brasília entrava para o acervo da História, transformando-se na, ainda hoje, mais nova cidade do mundo a ser tombada como Patrimônio da Humanidade pela Unesco. Uma projeção alavancada pelas formas da capital, os rascos e as pedras de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, o sonho de Juscelino Kubitschek. Era a casca do ovo do Cerrado.

Agora, é a vez da serpente. No ano que vem, a Unesco julgará o pedido de inclusão de Brasília na memória da História. E da forma mais honesta, contada por pioneiros, candangos, políticos, flagelados, mascates, nostálgicos e malucos em geral.

Vai tentar se incluir no Programa de Registro de Memória do Mundo, criado pela Unesco para salvaguardar a história oficial dos países membros das Nações Unidas e, assim, salvá-los das mãos de ditadores interessados em esconder a verdade. O comitê externo que julga os acervos — ou fundos, como são chamados oficialmente — é organizado pela Unesco, mas não sofre qualquer tipo de influência da entidade. Para lá está indo, essa semana, o Fundo Novacap: fatos e fotos do que ocorreu antes, durante e depois da inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960.

Estão lá o Relatório Cruls, que demarcou a região no fim do século XIX, as cadernetas de Hastinphylo de Moura, escriba da expedição, o resultado do concurso Plano Piloto, vencido pela dupla Niemeyer/Costa, a Sinfonia da Alvorada, composta por Tom Jobim e Vinícius de Moraes, fotos, documentos e cartas. Muitas cartas inéditas.

Numa delas, de 5 de dezembro de 1957, Antônio Santana, morador de Copacabana, na cidade do Rio, sugere ao presidente JK um plano de financiamento para a futura capital do país. Lê-se, em estilo confuso:

“Meu programa, à primeira vista, pode não ser considerado, visto superficialmente por acadêmicos que reagem negativamente a tudo que não lhes pareça ‘bem’, quando deveriam olhar para os homens do povo com simpatia. A primeira parte do programa é este resumo que se segue:

- Vendas de tijolos simbólicos (com a inscrição) ‘Ajudei a construir Brasília’;
- Passe suas férias trabalhando de graça em Brasília;
- ‘Com esta pá calcei as ruas de Brasília’ (pá com inscrição);
- Haverá prêmios ‘1º Patriota’ aos que mais se distinguirem na tarefa;
- Construir-se-á um muro na cidade, destinado a autógrafos de todos que prestarem colaboração manual a Brasília;
- Bailes, aos sábados, com show de artistas de rádio;
- Corridas de burro após a exposição do melhor exemplar nacional (sátira esportiva);
- Todos os portadores dos tijolos e das pazinhas simbólicas terão seu capital valorizado, pois as mesmas terão valor histórico, sendo todas assinadas pelo Presidente’.

RISO E ANGÚSTIA

Imagina-se que, ao ler a carta, Juscelino tenha se fartado de rir, mas não sem uma ponta de angústia. É provável que esta e as muitas cartas que viriam nos anos seguintes tenham dado ao presidente JK — e a todas as autoridades de então — a dimensão exata do impacto que a construção de Brasília, a nova capital, iria provocar na alma e na auto-estima nacional.

Essa gênese de Brasília, analisada pela ótica dos que verdadeiramente a construíram, ilustra como nunca o universo dos candangos, misturando seus dramas com a frieza da burocracia e a concorrência desleal dos “pistolões”. A capital era nova, os hábitos, velhíssimos. As cartas do Fundo Novacap revelam, antes de tudo, como o mecanismo das indicações políticas foram a pilastra mestre da formação trabalhista de Brasília, tanto entre a *Nomenklatura* de JK, como entre o proletariado que perdeu a vida levantando os prédios e a catedral da cidade.

Fotos: Arquivo / Novacap



MIGRANTES DA FRONTEIRA

Família gaúcha que chegou nos primeiros dias da construção da capital, mostra que todo o Brasil foi envolvido na promessa de uma vida nova trazida pela realização do presidente Kubitschek. Fotos como pertencem ao Fundo Novacap e serão enviadas para tentar incluir Brasília no Programa de Registro de Memória do Mundo, criado para preservar a história dos países membros da ONU